

Você quer se casar comigo?

Há homens
que ainda fazem
tudo para
conquistar a mão
da amada

RICH LOWRY





É UM MOMENTO de que os casais se recordarão toda a vida: o pedido de casamento. Geralmente acontece durante um jantar tranquilo num restaurante, à luz do sol poente num cais ou na privacidade de uma sala de estar.

No decorrer da História, porém, essa tradição nem sempre foi tão simples ou tão elegante. Na América do Sul, se um índio Uacari quiser casar-se deve demonstrar destreza com arco e flecha para provar que é capaz de sustentar a família com caça e pesca. E nas remotas aldeias alpinas alguns homens ainda mantêm a tradição de levar à futura noiva um ramo de edelvais, colhido em altas montanhas. Significa que correram perigo de vida para colher a planta.

No materialismo dos anos 90, pode-se supor que o pedido de casamento arrojado tenha desaparecido, como outras tradições perdidas. Não necessariamente. Conforme os casos a seguir, quando se trata da pergunta mais importante de todas – “Você quer se casar comigo?” –, a maneira de formulá-la ainda consegue estarrecer e encantar.

O céu é o limite

AO CHEGAR EM CASA, certo dia de março, Caryn Markus, 24 anos, ouviu a seguinte mensagem em sua secretária eletrônica: “Aqui é Susan, do departamento de reservas da companhia aérea. Sinto informar que seu vôo foi adiado

em virtude de problemas de horário. Reservamos-lhe um lugar no vôo que parte de Chicago 45 minutos mais tarde. Desculpe o transtorno.”

Que chato!, pensou Caryn. Ia para Atlanta visitar o namorado, Rick Segall, 25 anos, que conhecera em 1989 na universidade. Depois da formatura, Caryn arranjava emprego em Chicago, e Rick foi trabalhar como repórter na NBC em Atlanta. Nos três anos de romance a distância tinham acumulado mais de 40 mil milhas de vôo.

Nessa noite, Caryn ligou para Rick.

– Hoje aconteceu algo muito estranho – disse. – Cancelaram meu vôo e me fizeram a reserva em outro mais tarde, sem sequer me consultar.

– Tudo bem – disse Rick. – Por que não vem nesse vôo?

Ainda aborrecida, no dia seguinte Caryn entrou em contato com a companhia aérea para trocar a passagem para um vôo mais cedo. A funcionária da seção de reservas a deixou esperando muito tempo e depois avisou que não havia lugar em outros vôos.

No dia da viagem, Caryn tomou o avião e esticou-se na sua poltrona e nas duas desocupadas ao lado. Pouco depois da decolagem, o alto-falante do avião anunciava:

– Caryn Markus, aqui fala o comandante.

O que está acontecendo?, pensou Caryn.

– Sabemos que você está esperando que seu namorado Rick vá recebê-la no aeroporto – continuou o comandante. – No entanto, lamentamos informar que ele não vai encontrar-se com você em Atlanta. Rick resolveu tomar este vôo

para lhe fazer uma pergunta muito importante.

Caryn então viu Rick aproximando-se com uma dúzia de rosas e um enorme sorriso. Ajoelhando-se desajeitadamente no corredor, ele estendeu a mão direita.

– Caryn – perguntou –, você quer se casar comigo?

Caryn não conseguiu parar de rir.

– Não posso acreditar!

Os dois ficaram ali sentados juntos, falando baixinho, enquanto os passageiros mais próximos se esforçavam para ver o que estava acontecendo.

– Como conseguiu? – perguntou Caryn.

– Você não facilitou as coisas.

O vôo original de Caryn estava cheio demais para que pudessem guardar lugar ao lado dela. Por isso, ele trocou as reservas e conseguiu que uma colega de trabalho fingisse ser do departamento de reservas e deixasse a mensagem de cancelamento de vôo. Quando Caryn procurou mudar a nova reserva, a funcionária da companhia aérea observou instruções na tela de seu computador. Pedindo a Caryn que esperasse, ela ligou para Rick, que a convenceu a guardar segredo.

No dia do vôo, Rick pegou um avião até Chicago e embarcou furtivamente no avião de Caryn. Sentou-se numa fila de trás, escondido pelo jornal, até ouvir a voz do comandante.

Em algum ponto acima de Indiana ou Kentucky, Caryn respondeu:

– Sim!

Aí a voz do comandante tornou a soar pelo avião:

– Senhoras e senhores, alguém pode

nos dizer como terminou o caso, para que possamos fazer este avião pousar?

Os passageiros romperam em risadas e aplausos.

Caryn e Rick pretendem se casar este ano.

Missão: é possível

NUM DIA DE SETEMBRO de 1989, quando Kathy Knickerbocker, 30 anos, voltou para a casa dos pais em Corona del Mar, Califórnia, a mãe lhe pediu que subisse “imediatamente”. Sobre a cama Kathy encontrou um elegante vestido preto e um gravador.

Kathy apertou o botão e ouviu o tema musical do programa de TV *Missão impossível*. Então uma voz se ouviu: “Boa-noite, Kathy. Sua missão, se resolver aceitá-la, é seguir as pistas que a conduzirão ao homem estranho e interessante conhecido como McFly.”

Kathy riu. *Lá está ele de novo*, pensou. O namorado, Erik Escher, era chamado de McFly por causa de um personagem do filme *De volta para o futuro* que, como Erik, possuía um guarda-roupa colorido e original. Criativo *designer* gráfico, Erik, 33 anos, também tinha imaginação fértil para planejar encontros. No entanto, três semanas antes Kathy resolvera sair com outras pessoas, pois o namorado não queria casar-se. Fora um período difícil.

Às 19h30 bateram à porta. O motorista de *smoking* disse:

– Boa-noite. Meu nome é James e tenho a primeira pista.

Ele acompanhou Kathy a uma limusine. No banco traseiro havia uma dúzia de rosas, uma garrafa de champanhe, uma caixa de ovos e um envelope

com os dizeres: “Kathy Jo, pegue uma pista.”

Dentro estavam as instruções. O motorista e Kathy foram para o restaurante em que Erik e Kathy tinham se conhecido. Lá, um rapaz de camiseta adornada com as palavras: “Kathy Jo, pegue uma pista” aproximou-se. Ele perguntou: “Quem você ama?”

Seguindo as instruções, Kathy respondeu:

– McFly é meu homem!

O rapaz entregou-lhe outro envelope. A pista levou-a a uma lanchonete tipo *drive-in* que o casal costumava frequentar. O motorista encaminhou-a ao guichê, onde o caixa perguntou: “Quem você ama?”

Nessa parada e em cada uma das seguintes, Kathy respondia: “McFly é meu homem!” Ela recebia sempre um ovo e mais uma pista.

Uma delas estava no pote de mel de um mercado. Kathy riu. Erik detestava ser chamado de *doçura*. Foi um ardil permitir que Kathy o chamasse assim.

A pista final levou-a a um restaurante de luxo. Lá, viu Erik de *smoking*, sentado à mesa, tendo à frente grande cesta de arame com ovos.

– Você colocaria todos os ovos na mesma cesta? – perguntou Erik.

Na ocasião em que ambos concordaram que Kathy sairia com outras pessoas, ela explicara que não queria pôr todos os ovos na mesma cesta, enquanto Erik não estivesse disposto a se comprometer.

Erik pediu a Kathy para quebrar um dos ovos. Tinha sido esvaziado e dentro estava a palavra “Kathy”. No ovo se-

guinte lia-se “você”. No outro, “quer”. No fim, entre lágrimas, ela viu a mensagem que dizia: “Kathy, você quer se casar comigo?”

Com a voz embargada, ela respondeu:

– Sim, Erik, eu adoraria me casar com você!

Tenho certeza de que nunca sentirei tédio, pensou.

Eles se casaram em julho de 1990.

Príncipe encantado

DEPOIS DE QUATRO ANOS de universidade, um romance florescia entre Karen Schifferle e Peter Stachowiak. Peter começou a estudar para o mestrado e Karen a ensinar no pré-jardim-de-infância de uma escola primária em Nova York. Em outubro de 1992 Karen planejou uma festa no Dia das Bruxas para sua turma. Resolveu vestir-se de Cinderela e Peter ofereceu-se para montar um espetáculo para as crianças.

No dia da festa, 23 guris fantasiados e empolgados entoaram canções e prepararam decorações típicas do dia. Daí a pouco bateram à porta.

– Oi, meninas e meninos – disse Karen –, chegou o Príncipe encantado!

Piratas, bruxas e *Tartarugas Ninjas* calaram-se quando Peter lhes mostrou um sapatinho roxo, brilhando com pedrarias e fitas.

– Quem conseguir calçar este sapatinho – declarou ele – deve ser a verdadeira Cinderela.

As crianças de 4 anos ficaram olhando, pasmas, enquanto Peter experimentava o sapato em três garotas. Cada vez que o sapato não servia, ouvia-se um coro desapontado. Então começaram a pedir:

– Tente na senhorita Schifferle!

Peter levou o sapato para Karen, que estava sentada numa cadeira de criança, com um velho vestido de cetim rosa do baile de formatura do ginásio. Ele calçou o sapato no pé de Karen. Coube perfeitamente.

– Ah, meu Deus – exclamou Karen, num tom teatral – devo ser a Cinderela!

Quando ela ia se levantando, Peter continuou ali, um joelho no chão. Enfiando a mão no colete, tirou a aliança de ouro com um diamante reluzente.

– Quer ser minha princesa para toda a vida?

Karen ficou imóvel. Por fim compreendeu, e começou a chorar.

– Quero, sim – disse, enquanto as crianças olhavam a cena hipnotizadas. – Claro que me caso com você!

Casaram-se em julho de 1994 e vivem felizes desde então.

Seu marido pediu você em casamento de um modo excepcional? Podemos incluir seu caso num futuro artigo. Mande sua história para “Pedidos de Casamento”, Seleções do Reader's Digest, Caixa Postal 13.525 CEP 20217-970 Rio de Janeiro RJ ou por e-mail para selecoes@selecoes.com.br.

NOS ÚLTIMOS VINTE ANOS, houve grande proliferação de advogados, assim como de computadores. Mas, ao contrário dos computadores, os advogados não ficam com o dobro da inteligência nem cobram a metade do preço de dois em dois anos.